**"A NEURA" PELO SUCESSO NA ALFABETIZAÇÃO: UM CURRÍCULO SOB SUSPEITA**

1 - **A “neura” na “neuro”**

Neste texto, trazemos à tona a Política Nacional de Alfabetização (PNA), (Brasil, 2019) que, apesar de revogada em 2023, contribui para mobilizar discursos que prometem a melhor maneira de ensinar todas as crianças a ler e a escrever, em qualquer espaçotempo. Esse discurso se apresenta como um norte para a prática docente e se articula ao grande investimento e, sobretudo, preocupação com os rumos da alfabetização em nosso país. Tal inquietude aponta como principais fatores os resultados obtidos nas avaliações internacionais e nacionais, indicando uma suposta crise nos índices da alfabetização, como discute Frangella (2020).

Assim, nosso trocadilho “neura” na “neuro”, no título dessa seção, articula-se à PNA com o objetivo de destacar a ênfase mobilizada por essa política sobre a importância da ciência como base para o aprendizado da leitura e da escrita. A neurociência entra nesse cenário como uma das fontes irrefutáveis da ciência garantidoras do sucesso no processo de leitura e escrita, inclusive, demarcando uma evidência comprobatória para o sucesso e efetividade do trabalho docente, com a promessa de que serão eliminados os entraves que, eventualmente, impediriam esse sucesso. Vale destacar, também, que o movimento pela ciência atribui importância ao papel dos cientistas, que estudam a instrução e aquisição da literacia, como atores principais para o oferecimento de respostas definitivas sobre os caminhos para o desenvolvimento da alfabetização nas diferentes salas de aula do país.

No ano de 2011, a Academia Brasileira de Ciência publicou uma reportagem, intitulada "Aprendizagem Infantil: uma abordagem da neurociência, economia e psicologia cognitiva”, enaltecendo o progresso dos países que modificaram suas políticas públicas para a alfabetização, com base na ciência e nos estudiosos da literacia (Brasil, 2021). Nesse sentido, com a contribuição da PNA, percebemos a força discursiva que tem deslocado o sentido de experiência docente, ao enfatizar a importância do compartilhamento de práticas avalizadas cientificamente por pesquisadores e profissionais renomados que comprovadamente apresentem resultados quantificáveis. Desse modo, a transferência de experiências ditas exitosas no campo da alfabetização ganha notoriedade, abalizadas através de resultados de avaliações internacionais, tomando como modelo reformas educacionais que promovem práticas de alfabetização baseadas na ciência cognitiva de leitura.

Experiência, nesse sentido, relaciona-se ao conhecimento validado empiricamente com vistas à previsibilidade de resultados:

Esperamos que tal como os cientistas, possam os professores alfabetizadores conceder às evidências empíricas a primazia na reformulação dos seus conhecimentos e das suas práticas de alfabetização. A grande vantagem de um ensino baseado em evidências é que os professores podem, à partida, ter um maior grau de confiança na eficiência das estratégias a utilizar com os seus alunos (Brasil, 2021, p. 3).

Assim, argumentamos que o movimento da PNA tem contribuído para a centralidade de uma determinada ciência no processo de alfabetização que visa garantir a eficiência para a boa formação das crianças. E, embora tal política tenha sido revogada, as ideias defendidas e difundidas ao longo de quatro anos não são apagadas através de um decreto que a revoga. A neurociência, por exemplo, tem crescido nas propagandas das redes sociais e nos incomoda o lugar de salvífica que lhe é atribuído, tentando fixar o sentido para a neurociência como fonte de um milagre a ser alcançado, apenas seguindo orientações científicas.

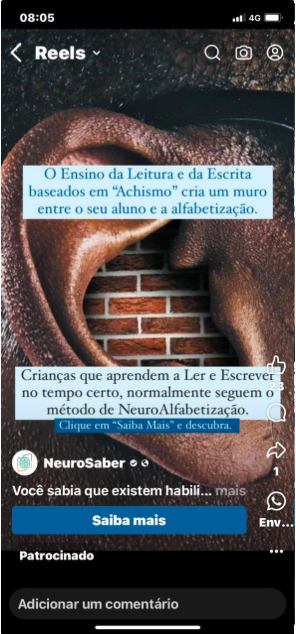
**2 - Entrecruzamentos nas redes: promessas de sucesso na alfabetização**

Temos acompanhado, no *Facebook* e outras redes, o movimento discursivo sobre a importância da neurociência no processo de leitura e escrita. Chama-nos atenção as postagens de um Instituto, chamado Neurosaber de Ensino, que frequentemente oferece cursos com garantias de sucesso na alfabetização. O Instituto foi criado em 2014 e trata de temas sobre desenvolvimento infantil, neuroaprendizagem e transtornos de neurodesenvolvimento. Mas no movimento sobre aprendizagem, percebemos uma vertente acentuada no método da neuroalfabetização que é apresentado como capaz de promover a leitura e a escrita no tempo certo. Importante destacar que esse Instituto faz referência à PNA, mencionando a importância da instrução fônica - que faz parte do método fônico - como o principal sistema para alfabetizar (Neurosaber, 2024b). Mais ainda, assim como a PNA, o Neurosaber endossa as avaliações do exame PIRLS - *Progress in International Reading Literacy Study* [Estudo Internacional de Progresso em Leitura].

Segundo o Ministério da Educação, o PIRLS é o principal exame do mundo focado especificamente na leitura dos alunos do 4º ano do ensino fundamental e é nessa etapa que "os estudantes estão superando a etapa do ‘aprender a ler’ e passando a utilizar a leitura para aprender” (Brasil, 2018). Desse modo, em 2018, a avaliação do PIRLS foi apontada como uma das prioridades do governo federal brasileiro, e a proposta da PNA vem atrelada a essa avaliação, a fim de inserir o Brasil no rol de países que fundamentaram suas políticas na ciência.

O Instituto Neurosaber divulgou que, de acordo com a avaliação do PIRLS de 2021, o Brasil teve o sexto pior resultado e quase 40% dos estudantes brasileiros do quarto ano do ensino fundamental não dominam habilidades básicas de leitura. Sob essa justificativa dos números PIRLS, o Instituto promete a neuroalfabetização como um método eficaz que irá assegurar ao professor a alfabetização de 100% de sua turma de forma segura, nunca mais sentindo receio em ensinar um aluno a ler e escrever.

Recentemente, o Neurosaber postou no *Facebook* a figura de uma orelha e um muro na parte interna do ouvido com a seguinte mensagem: “O ensino da leitura e da escrita, baseados em “achismo”, cria um muro entre o seu aluno e a alfabetização - crianças que aprendem a ler e a escrever no tempo certo, normalmente seguem o método da neuroalfabetização”.



Fonte: INSTITUTO NEUROSABER. Postagem patrocinada no Facebook. Acesso em 22 abr. 2024.

Ou seja, um professor só conseguirá alfabetizar quando entender o cérebro da criança e como é o funcionamento para que a criança aprenda. O Instituto acrescenta, ainda, que o respaldo das ciências da leitura é fundamental, com a necessária adaptação do cérebro - que se relaciona à plasticidade neural - e a especialização de áreas cerebrais no reconhecimento da letra durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Com esse entendimento científico, o Neurosaber propagandeia o método neuroalfabetizador como um instrumento que possibilita ao professor conhecer os principais motivos que levam o aluno ao desinteresse pela aula, entender as diferenças importantes entre seus alunos e saber quais técnicas de ensino são mais eficientes para cada situação, adquirindo conhecimento suficiente para criar suas próprias técnicas inovadoras de ensino. Não obstante, o Instituto ainda usa as terminologias "típicas" e "atípicas", prometendo que, em ambos os casos, com o mesmo método, todas as crianças estarão alfabetizadas na idade certa, oferecendo uma garantia de sucesso sem precedentes.

**3 - E o muro?**

Voltemos à figura do muro no ouvido para pensar que esse dualismo - ciência x achismo - objetifica o currículo e, por conseguinte, a prática docente que entendemos como prática curricular. Temos, por um lado, uma suposta crise na alfabetização e, ao lado oposto, a garantia de soluções através da ciência, que se apresenta como verdade universal e inquestionável, corroborando para uma agenda excludente dos sujeitos escolares e responsabilização docente. Ao defender que o método da neuroalfabetização, por exemplo, quando aplicado de forma fidedigna, é capaz de alfabetizar a todos os sujeitos, aqueles que não correspondem de forma satisfatória ao determinado método não são considerados sujeitos de saberes e os docentes, responsáveis pela aplicação de tais métodos, são culpabilizados por ineficiência na aplicação dos métodos que, por serem balizados cientificamente, são inquestionáveis.

Vivenciamos, portanto, uma articulação discursiva que transita entre evidências |científicas e métodos científicos, com a ressalva da PNA de que as técnicas utilizadas devem ser apenas as que possuem “as melhores evidências científicas” que comprovem sua eficácia, visto que, de acordo com Sargiani (2022) “a escolha mais eficiente, portanto, é o caminho das evidências, e não das opiniões ou ideologias individuais” (p.2). Opa! “Ó paí, ó”, expressão/título do filme estrelado por Lázaro Ramos, provoca o olhar para si: olhe para aí, olhe!... opiniões e ideologias também sustentam o muro e é esse muro que nos interessa discutir.

Derrida e Roudinesco (2004) abordam que a tentativa de reduzir os comportamentos humanos a processos fisiológicos verificáveis aponta para o cientificismo contemporâneo que transforma o ser humano em um sistema calculável, estendendo de forma ilegítima o campo de um saber científico a um status metafísico. O cálculo, neste sentido, diz respeito àquilo que pode ser previsto, é técnico, programático e com resultados estanques.

Assim, também em diálogo com Derrida, coloquemos o muro que materializa a ciência, como ordem de cálculo, sob suspeita, chamando atenção para aquilo que é incalculável: a imprevisibilidade do outro, a figura do inesperado – da experiência – que chega como acontecimento e rompe a possibilidade de cálculo, visto que “nenhum cérebro, nenhuma análise neurológica supostamente exaustiva é capaz de propiciar o encontro com o outro” (Derrida; Roudinesco, 2012, p. 66).

Nossa intenção não é negar as contribuições da neurociência e das ciências cognitivas para o processo de alfabetização, mas disputar sentidos e suspeitar das tentativas de cerceamento das possibilidades de significação da ciência e da alfabetização, apontando o cientificismo (que vai na contramão do que tem defendido os discursos científicos pós-modernos) como prática totalizadora do discurso. O processo de alfabetização, neste sentido, não pode ser compreendido como um processo mecânico de reprodução de metodologias que se propõem como universais, capazes de produzir soluções pré-definidas para questões complexas que demandam do cotidiano escolar. Ó paí, ó, professor(a)! Olhemos para nossas salas de aula! O muro está ali… não desaparece. São muitos tijolos que mantêm esse muro de pé e eles não são feitos apenas por uma questão de método. Entretanto, apesar das tentativas de manter o muro firme, temos fissuras e é nessas fissuras que produzimos também ciência.

**Referências**

BRASIL, Ministério da Educação. **Alfabetização Baseada na Ciência:** Manual do curso ABC. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Brasil adere a exame internacional para avaliar capacidade de leitura de crianças**. 2018. Brasil. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/52551. Acesso em: 22 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização**. 2019.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E.. **De que amanhã… diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FRANGELLA, R. C. P.. Avaliação como signo de qualidad|e: problematizando as (in)definições nas produções curriculares. **Debates em Educação**, v. 12, n. Esp, p. 558–571, 2020. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10021. Acesso em: 30 mai. 2024.

NEUROSABER. Nossa missão. 2024a. **Neurosaber**. Disponível em: https://institutoneurosaber.com.br/#. Acesso em: 25 mai. 2024.

NEUROSABER. O que é instrução fônica sistemática?. 2024b. **Neurosaber**. Disponível em: https://institutoneurosaber.com.br/artigos/o-que-e-instrucao-fonica-sistematica/. Acesso em: 25 mai. 2024.

SARGIANI, R. (org.). **Alfabetização baseada em evidências - da ciência à sala de aula**. Porto Alegre: Ed. Penso, 2022.